

# Lições que não estão nos livros

DF = Educação

**Com uma proposta educacional irreverente,** o Colégio Marista João Paulo II aposta nos projetos de pesquisa como a melhor forma de despertar no aluno a cidadania e o interesse pela educação

Solidariedade e cidadania. Na semana passada, 90 alunos de 5ª série do colégio Marista João Paulo II aprenderam uma lição diferente, do tipo que não está em nenhum livro: foram visitar o colégio Marista de Samambaia, uma unidade de assistência social da rede Marista que atende mais de 300 crianças carentes do DF. Pouco mais de meia hora de viagem separava dois mundos completamente distintos. Uni-los a partir do contato pessoal era o objetivo da visita.

O colégio Marista de Samambaia é uma escola de primeiro mundo instalada em um bairro de periferia. As 342 crianças de 6 a 12 anos que têm o privilégio de estudar lá contam com uma excelente infra-estrutura. Além de não pagar mensalidade, recebem da escola uniforme, material didático, alimentação e cursos de informática que já começam a preparar para o mercado de trabalho, apesar da pouca idade dos alunos.

"No ano passado, firmamos um convênio com a Universidade de Brasília e todos os nossos alunos receberam assistência odontológica gratuita durante todo o ano, sendo atendidos por estudantes do Mestrado que precisavam fazer estágios curriculares", conta Joana Bezerra, diretora adjunta do Marista de Samambaia. Este ano, a escola está em processo de negociação com a UnB para tentar viabilizar a continuidade do convênio. Além disso, a escola dá atendimento à comunidade, oferecendo cursos gratuitos de manicure, cabeleireiro, doceiro e informática e es-

portes, com aulas de capoeira e natação.

Antes de embarcar no ônibus, os ilustres visitantes moradores do Plano Piloto tiveram uma preparação. "Nós queríamos mostrar a eles que solidariedade não significa ajuda financeira, nem doação de roupas e cestas básicas, como eles estão acostumados a fazer. Ser solidário não é sentir pena do outro. Queríamos uma integração, algo que durasse muito mais do que uma única manhã de brincadeiras", explica Ângela Naves, coordenadora pedagógica do Marista João Paulo II. Foram várias conversas em sala de aula, explicando a importância de eliminar os preconceitos e os julgamentos de valor.

Às 9h da última segunda-feira, desembarcavam na unidade Marista de Samambaia 90 garotos e garotas do Marista João Paulo II. Alegria e curiosidade marcaram o primeiro contato. Para aproximá-los, os professores realizaram dinâmicas. A primeira delas foi uma entrevista. Foi aí que Cláudia Carpo, 11 anos, conheceu Jéssica Barbosa, 09. Em pouco mais de cinco minutos de conversa, nascia uma amizade que ignorava qualquer diferença social.

Filha de funcionários públicos, Cláudia, que é aluna da 5ª série do Marista João Paulo II, sempre teve uma vida confortável. Mora em uma casa espaçosa, com quatro quartos, na Vila Planalto. Sempre estudou em escola particular e, além das aulas, faz natação, teatro e música. Jéssica estuda há cinco anos no Marista de Samambaia. Sua mãe é empregada doméstica,



Pesquisas de campo e dinâmicas de integração são os principais recursos utilizados pelo Marista João Paulo II nos projetos de pesquisa

o pai está desempregado. Na casa onde mora, tudo é muito simples. Jéssica conheceu a informática na escola, mas não tem computador em casa. Nunca fez nenhum curso extra-classe.

Mas, naquele momento, nada disso importava. Cláudia e Jéssica agiam como se já fossem amigas há tempos. Na

segunda dinâmica de grupo, em que os alunos deveriam criar fantasias utilizando jornais velhos, a integração foi ainda maior. "Nossa vida aqui é muito diferente da deles. A gente brinca mais", resumiu Jéssica, como se as diferenças sociais simplesmente não existissem.

Para Ângela, o objetivo da

visita foi cumprido à risca. Mas os resultados só poderão ser vistos a longo prazo. "O projeto não terminou na hora que eles se despediram. Ele tem uma continuidade", garante. Como incentivo, o Marista João Paulo II decidiu inscrever seus alunos no concurso "Escreva uma carta a um amigo", dos Correios e Telé-

grafos. "Todos eles vão escrever para os colegas de Samambaia para participar do concurso. Além disso, como as duas escolas estão instalando Internet nos computadores, eles vão continuar se comunicando por e-mail", revela.

VALÉRIA FEITOZA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Fotos: Geraldo Magela



Cláudia Carpo, 11 anos, e Jéssica Barbosa, 9 (de amarelo): amizade que supera as diferenças sociais

## Projeto aborda os 500 anos do Brasil

A visita dos alunos do Colégio Marista João Paulo II à unidade de Samambaia faz parte de um grande projeto da escola, que tem como tema principal os 500 anos do Descobrimento do Brasil. "Na verdade, desde que o Marista João Paulo II foi fundado, há quatro anos, nós implantamos uma metodologia voltada principalmente à pesquisa, aos projetos, onde o aluno é sujeito e não um mero receptor de informações no processo de aprendizagem", explica a coordenadora pedagógica

da escola, Ângela Naves.

Da 5ª série do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio, todos os alunos do Marista João Paulo II estão envolvidos no projeto "Brasil a mil". Dentro deste tema maior, cada série escolheu um subtema e elaborou um projeto de pesquisa. Nesta primeira etapa, a 5ª série escolheu "A cultura da solidariedade e da cidadania"; a 6ª série, "Dignidade e paz"; a 7ª, "Ecuador de informações no processo de aprendizagem", explica a coordenadora pedagógica

quiza. Assim como as turmas de 5ª série saíram em campo para conhecer realidades diferentes, todos os outros estudantes terão a oportunidade de vivenciar novas experiências no desenvolvimento da pesquisa.

Para Ângela, os trabalhos de pesquisa despertam no estudante o que ele tem de melhor: curiosidade e interesse. "Mas o principal é que a pesquisa, quando bem feita, dá ao aluno uma visão do todo, e não do conhecimento fragmentado", explica. Esta ca-

racterística casa perfeitamente com os novos parâmetros curriculares que o Ministério da Educação está começando a implantar no País. No Marista João Paulo II, até as avaliações fogem ao tradicional: "Nós não temos provas com data marcada. Todas as atividades que o aluno realiza na escola são levadas em conta na composição da nota final. Há trabalhos e avaliações com e sem consulta e o principal: as pesquisas", conta Ângela. Quem ganha no final, ela garante, são os alunos. (V.F.)